

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XIII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME II



COIMBRA / 1971

## Introdução ao Livro de Horas del-rei D. Duarte

A bibliografia dos Livros de Horas manuscritos é, ao mesmo tempo, rica e pobre. Pobre, no que respeita ao exame do conteúdo escrito destas obras encantadoras. Rica, no que se refere à parte decorativa de tais voluminhos.

Com efeito, a imensa maioria dos estudos não passa do que antigamente -era accidental — o aspecto artístico. O accidental, porém, tornou-se essencial e, dum livro de rezar, como à tona dum naufrágio, sobrenada quase só a beleza dos quadrozinhos, dos enfeites a cores e das letras esplendorosamente ornamentadas.

Deriva este facto da própria natureza dos Livros de Horas. Os eruditos eclesiásticos (liturgistas, etc.) pouco se preocuparam com eles, olhando-os, por vezes, como urna espécie de degenerescência da sóbria oração canónica. Eles, os Livros de Horas, não faziam parte dos livros oficiais da Igreja, apesar de parte do seu conteúdo provir do breviário. Eram livros escritos para leigos, que os leigos se ocupassem deles. Ora, os leigos andavam já longe do complexo interior medieval, tinham-se distanciado dos seus conhecimentos teológicos e práticas piedosas. Por conseguinte, fixaram-se (quase profanamente) na arte e em pouco mais, porque do resto pouco ou nada entendiam.

Mas houve clérigos e leigos que procederam doutro modo, por exemplo Delaunay, Edmond Bishop, Hoskins, Wordsworth, A. Wilmart e, acima de todos, V. Leroquais, na sua obra clássica *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale* (\*), em três volumes, com um suplemento posterior <sup>(2)</sup> e a monografia *Un Livre d'Heures manuscrit à Y usage de Maçon* <sup>(2)</sup>.

(1) Paris, 1927.

(2) V. LEROQUAIS, *Supplément aux Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale* (Maçon, 1943).

(3) Impresso :em IMAcon^ no ano de 1935.

Em Espanha, lembramos somente Filipe M. Garín Ortiz de Taranco, em *Un Libro de Horas del Conde-Duque de Olivares* (Valência, 1951), onde analisa, folha a folha, o texto escrito desse códice iluminado, cujo calendário encerra, mês por mês, os desportos infantis da Flandres. E no Brasil, Frei Damiano Berge fez o mesmo a umas Horas antigas, levadas por D. João VI para o Rio de Janeiro (4).

Para estas obras e para a bibliografia nelas apontadas remetemos o leitor. E quem deseje iniciar-se no conhecimento do conteúdo textual e figurativo das Horas impressas, pode ainda recorrer aos capítulos válidos de Félix Soleil, *Les Heures Gothiques et la Littérature pieuse aux XV<sup>e</sup> iet XVII<sup>e</sup> siècles* (Ruão, 1882).

Horas ou Livros de Horas, porquê? A reza litúrgica dos clérigos e monges tinha originalmente horas marcadas, distribuídas ao longo do dia. Em rigor, as matinas e as laudes constituíam um ofício nocturno que, em tempos mais antigos e, mesmo hoje, nalgumas ordens religiosas, se rezava à meia-noite. A prima rezava-se por volta do nascer do sol. A terça ou terça ficava para as nove da manhã. A sexta esperava pelo meio-dia. A noa correspondia às três da tarde. As vésperas e completas rezavam-se ao findar do dia. Tudo isto constituía o ofício litúrgico. As suas partes receberam o nome da altura do dia em que se rezavam e daí a designação de *horas*.

Assim, o termo Livro de Horas deriva do vocabulário eclesiástico e monacal, quer por alguns ofícios litúrgicos (como o Ofício de Defuntos) terem passado do Breviário para tais livrinhos, quer por nestes se introduzirem rezas (geralmente em versos rítmicos latinos) também divididas em *horas*, com matinas, laudes, etc., que aliás nunca pertenceram à reza oficial da Igreja. É o caso das Horas do Espírito Santo e das Horas da Cruz, por sinal muito curtas e sem obrigação de se rezarem em ocasiões certas do dia.

Deu-se, pois, uma adaptação das rezas clericais e monásticas à fluidez e à falta de tempo das ocupações seculares. As Horas adoptaram, por exemplo, o Ofício Menor da Virgem Maria, que andava no Breviário, como veremos, a partir da época carolíngia.

Um Livro de Horas está, por conseguinte, um pouco longe de

(4) FREI DAMIÃO BERGE, O. F. M., *Um livro de Horas do século XIV na Biblioteca Nacional*, em «Verbum», t. 2 (Rio de Janeiro 1945) pp. 49-99.

ser um Breviário, apesar de muitos eruditos os confundirem. Que é então um Livro de Horas ?

A resposta torna-se relativamente fácil para os Livros de Horas impressos, espécimes dum género chegado ao fim da sua evolução e já perfeitamente definido. Nos manuscritos, é mais difícil.

De facto, há formas embrionárias, esboços de Livros de Horas, exemplares híbridos. E os catálogos confundem-nos, por vezes, com os Missais, Saltérios, simples devocionários, Diurnais e, sobretudo, Breviários.

Em certos casos, após o Saltério, vem o Ofício Menor da Virgem Maria, as ladainhas dos santos e o Ofício de Defuntos. Temos, aqui, o Saltério-Livro de Horas.

Noutros casos, alguns não enxergam bem a diferença entre devocionários e Livros de Horas. Ora bem, os devocionários que não são também Livros de Horas caracterizam-se pela falta do calendário, do Ofício Menor de Nossa Senhora, do Ofício de Defuntos e, na maioria dos casos, dos salmos penitenciais e das ladainhas.

Um exemplo de simbiose entre devocionário e Livro de Horas vem num códice alcobacense do mosteiro de Santa Maria do Bouro, dos meados de quinhentos (°). Ao lado do calendário cisterciense, do *Officium beate Marie virginis*, das Horas da Santa Cruz e das Horas do Espírito Santo, vemos lá um *Exercitium vite et passionis Christi ad modum Rosarii*, muitas orações dos Santos Padres e escritores eclesiásticos, as quinze orações de S. Brígida e bastantes devoções da Paixão e de Nossa Senhora, entre elas umas ladainhas maria nas (i). Além disso, faltam não só o Ofício de Defuntos mas também os salmos penitenciais. Simple devocionário por um lado, Livro de Horas pelo outro.

Com maior frequência, confunde-se o Breviário com o Livro de Horas — e assim acontece num trabalho de Reinaldo dos Santos, *Les Principaux Manuscrits à Peintures conservés en Portugal* (Paris, 1938), aliás por culpa da má catalogação da Pierpont Morgan, de Nova Iorque, onde um breviário franciscano da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, passa por Livro de Horas (7).

(°) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 85.

(i) Publicada por 'MARIO MARTINS' *Ladainhas de Nossa Senhora em Portugal* (Lisboa, 1961), pp. 71-75.

(7) MÁRIO MARTINS, *O Breviário Franciscano da Rainha D. Leonor*, em «Brotéria», t. 72 (Lisboa, 1961) pp. 510-522.

Decerto que o Livro de Horas herdou, do Breviário, alguns dos seus elementos: o calendário, o Ofício Menor da Virgem Maria, os salmos penitenciais, as ladainhas dos santos, os sufrágios e o Ofício de Defuntos. Revela, porém, características diferenciais. A principal consiste na sua completa independência do ciclo litúrgico (ao contrário do Breviário ou do Missal). Com efeito, o Livro de Horas ignora a rígida sucessão das festas do ano cristão, desde o Advento até ao Pentecostes e por aí adiante, assim como o escalonamento, em tempo próprio, dos santos, ao longo dos meses e dos dias próprios.

Por consequência, o Livro de Horas, fruto livre duma devoção ortodoxa mas não oficialmente regulamentada, não entra na série dos livros litúrgicos. Pertence à piedade particular e, no que respeita aos exemplares manuscritos, a hierarquia eclesiástica nunca fiscalizou a sua estruturação.

Por outras palavras, o Breviário pertence aos clérigos e monges, enquanto o Livro de Horas diz respeito aos leigos. Daqui vem a frase de Leroquais: O Livro de Horas é «un recueil d'offices et de prières à l'usage des fidèles: un bréviaire à l'usage des laïques»<sup>(8)</sup>.

No entanto, isto não impediu que muitos monges e clérigos tivessem também Livros de Horas e rezassem por eles. Ou que alguns leigos, como S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, D. Filipa de Lencastre, e a citada rainha D. Leonor, assim como o Infante Santo, rezassem pelo Breviário. Rezaram, mas sem obrigação.

Dissemos nós que o calendário, o Ofício Menor de Nossa Senhora, os salmos penitenciais, as ladainhas dos santos, os sufrágios e Ofício de Defuntos constituíam o núcleo principal dos Livros de Horas. Principal e, no Livro de Horas de Metz, da segunda metade de quatrocentos<sup>(9)</sup>, núcleo único.

Contudo, são vulgaríssimas também as Horas da Cruz e do Espírito Santo, assim como uma quantidade de orações, entre elas o *Obsecro te* e O *intemerata*, a partir do séc. XIV. Muito raras, as ladainhas de Nossa Senhora.

As Horas del-rei D. Duarte ultrapassam de longe o núcleo principal e vale a pena conhecer a amplidão invulgar do seu con-

(8) V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927) ip. VI.

(9) *Ib.*, pp. 332-334.

teúdo: calendário; comemorações de vários santos, por vezes em versos rítmicos; missa da gloriosa Virgem Maria; Horas da SS.<sup>ma</sup> Trindade; Horas do Espírito Santo; *officium beate Marie virginis ad usum romane curie* {com o *Te matrem Dei laudamus...*}; *hore sancte crucis edite a domino Bonaventura, Romane ecclesie cardinali ordinis minorum dignissimo professore* (muito mais extensas do que as vulgares Horas da Cruz) ; *hore breves sancte crucis*; *hore de dolore beate Marie virginis, quas composuit dominus Johannes papa vicesimus secundus* (com hinos, antífonas, versículos e respostas em rima) ; saltério da bem-aventurada e gloriosa Virgem Maria, com a adaptação dos salmos a Nossa Senhora; ladainhas de Nossa Senhora <sup>(10)</sup>; salmos penitenciais; ladainhas dos santos; Ofício de Defuntos; símbolo atanasiano (ou pseudo-atanasiano) ; Horas do Espírito Santo; Horas da SS.<sup>ma</sup> Trindade (curtas, ao contrário das precedentes, com o mesmo título) ; *Anima Christi*; *officium de omnibus sanctis*; paráfrase da salve-rainha, em versos rítmicos; orações a Nossa Senhora e a S. João Evangelista, em prosa; orações dos sete gozos da Virgem Maria; (orações rimadas ao crucifixo e às chagas de Nosso Senhor. Tudo em latim, claro, e digno dum estudo para mais tarde.

Sabendo já o que é um Livro de Horas e que algumas das suas partes vieram do Breviário, analisemos melhor a sua origem e como se processou a sua evolução.

Antes dos Livros de Horas, havia opúsculos de orações (*libelli precum*) destinados a fiéis eruditos. Um deles era o *De psalorum usu* <sup>(n)</sup>, atribuído ao monge-saxão Alcuíno (f 804), mas que pertence, de facto, a um anónimo italiano, à volta do ano 850. Outro opúsculo similar chamava-se *Officia per ferias* <sup>(12)</sup>, da autoria dum anónimo francês do séc. IX.

Esta última obra resume o ofício divino, para uso dos leigos, distribuído pelos dias da semana, com salmos, duas ladainhas dos santos, os salmos penitenciais à parte, bastantes preces dos Santos Padres e escritores eclesiásticos, várias confissões de pecados, hinos, o «saltério de Beda» (onde a maioria dos 150 salmos se reduzem

<sup>(10)</sup> MARIO MARTINS, *Ladainhas de Nossa Senhora em Portugal* (Lisboa, 1961) pp. 42-48.

<sup>(n)</sup> *PL.*, t. 101, cols. 465-508.

<sup>(12)</sup> *lh.*, cols. 509-612.

a poucos versículos e às vezes a um só), terminando tudo por uma oração da noite, em verso, sob o título de *Oratio D. Alcuini in nocte*:

Qui placido in puppi carpebat pectore somnum,  
 Exsurgens ventis imperat et pelago.  
 Pessa labore gravi, quamvis hic membra quiescant,  
 Ad se concedat cor vigilare meum.  
 Agne Dei, mundi qui crimina cuncta tulisti,  
 Conserva requiem mitis ab hoste meam <sup>(13)</sup>.

Também o *Libellus sacrarum precum* <sup>(14)</sup>, à volta do ano 900, e o chamado Livro de Horas de Carlos o Calvo (f 877) equivalem a esboços dum movimento de literatura piedosa que viria a culminar no 'conjunto litúrgicamente ambíguo do Livro de Horas.

Por outro lado, sobretudo a partir da época carolíngia, vários clérigos e monges ajuntavam ao Breviário a reza do Ofício Menor de Nossa Senhora, os salmos graduados, os salmos penitenciais, a ladainha dos santos e o Ofício de Defuntos.

Estas devoções enraizaram, de modo especial, nos mosteiros carolíngios e de lá se espalharam pela Europa monacal e secular, apesar da reacção de Cister e dos premonstratenses.

No séc. XIII, era corrente a reza de ofícios e orações suplementares, não por força de lei mas, sim, por um costume que foi ganhando quase força de lei.

Por isso, os Breviários dos sécs. XIV e XV trazem habitualmente o Ofício Menor de Nossa Senhora, os salmos penitenciais, as ladainhas dos santos e o Ofício de Defuntos.

Ora, os leigos herdaram, em boa parte, as práticas piedosas das abadias e do clero, mais adaptáveis à vida secular. E como os ofícios canónicos (quer dizer, o que constitui o núcleo do Breviário propriamente dito) se alongavam demasiado e não serviam para a vida laical, que dispunha de pouco tempo para rezar, os leigos tiraram, dos Breviários de então, as partes mais curtas e acessórias, com a conveniência suplementar de serem independentes do ciclo litúrgico. O Ofício Menor da Virgem Maria, por exemplo, não estava adscrito a esta ou àquela época do ano. Ao contrário do Breviário, tudo aqui era simples.

<sup>(13)</sup> *Ib.*, col. 612.

<sup>(14)</sup> *Ib.*, col. S. 1383-1416.

Temos ainda a considerar a reza do Saltério, nas suas relações com a evolução dos Livros de Horas. Na época carolíngia e até ao séc. XIII, bastantes fiéis mais instruídos rezavam o Saltério — entre eles o imperador Lotário, Carlos o Calvo, o conde Evrard, a rainha Ingeburga, o rei S. Luís e outros.

Nos sécs. XIV e XV, em Portugal, a rainha D. Filipa de Lencaestre rezava também o saltério, às sextas-feiras: «todallas sextas feiras tinha costume rezar o Saltério»/i<sup>(15)</sup>. E não seria só ela.

Tão grande influência exercia o Saltério que várias composições poéticas dedicadas à Virgem Maria, com mais ou menos 150 louvores rítmicos à Mãe de Deus, às vezes de sabor bíblico, se chamavam Saltérios 'da bem-aventurada Virgem Maria: *Psalterium beatae Mariae Virginis* (16).

Mediante aldições sucessivas, foi precisamente em torno do Salterio que se agruparam, com frequência, os elementos acima ditos: em primleiiro lugar, as ladainhas dos santos; mais tarde, algumas orações e o Oficio de Defuntos; por fim, no declinar do séc. XII, o Ofidio Menor de Nossa Senhora e os sufragios pelos mortos.

Não estranhemos, pois, que alguns Livros de Horas mais antigos, dos sécs. XII e XIII, sejam ao mesmo tempo Saltérios.

No séc. XIV, foram diminuindo em número os Saltérios-Livros de Horas. E a partir dos meados de quatrocentos, o Livro de Horas, puro e simples, triunfava na Europa ocidental, montando-se na Flandres e na Itália, por exemplo, urna verdadeira indústria para satisfazer encomendas do estrangeiro. E ao núcleo principal do Livro de Horas '(Oficio Menor de Nossa Senhora, etc.) juntaram-se novos elementos: fragmentos dos evangelhos, as Horas da Cruz e do Espírito Santo, as preces *Obsecro te* e *O intemerata*, etc..

Tendo exposto o que é um Livro de Horas -e que muitos deles vinham da Flandres e da Itália (para não falarmos da França), podemos perguntar onde nasceu o Livro de Horas del-rei D. Duarte ? Começemos pelo calendário.

Um santo desconhecido no mundo mediterrânico, o monge bretão S. Winnoc (f 717), fundou a abadia beneditina de Wormhoudt, na

(15) FERNÃO LOPES, *Crônica de D. João I*, t. 2 (Parto, 1949), p. 226.

(16) *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 36 I(Novia Iarque/Londres, ,1.961) pp. 11 e ss.



região flamenga de Dunquerque. Ali repousa o seu corpo. E a sua vida vem, com justiça, nos *Acta Sanctorum Belgii* (17).

Santo raro, íamos a dizer santo regional, serve-nos para identificar aproximadamente a origem geográfica do Livro de Horas del-rei D. Duarte, pois S. Winnoc vem no seu calendário.

Um espanhol, um italiano e, menos ainda, um português não meteria tal sainito Livro die Horas, omitindo outros tipicamente pêninsulares, como S. Frutuoso, S. Geraldo ou S. Ildefonso dle Totteido.

Na obra monumental *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale* (mais de trezentos Livros de Horas analisados), o nome de S. Winnoc, ou Ubinoc, aparece oito vezes. Exatamente por ser raro, ganha significado a sua existência neste ou naquele manuscrito. Por isso, vamos apontar os sete Livros de Horas citados por Leroquais, onde figura este santo.

Vem num Livro de Horas da segunda metade do séc. XV, segundo o costume litúrgico de Roma (18); noutro mais antigo, do final do séc. XIII, segundo o costume de Arrás (19); noutro de quatrocentos, conforme a liturgia romana (onde entra o nome do santo não só no calendário mas também nas ladainhas) e noutro, do séc. XIV, conforme o costume de Tournai (20); noutro, do séc. XV, conforme o uso da Flandres, sem diocese determinada (21); noutro, também do séc. XV, conforme a liturgia romana (22); finalmente, num Livro de Horas da mesma época, com o calendário de Saint-Omer e, ao que parece, segundo os usos litúrgicos dessa igreja (23).

Tournai (em flamengo, Doornik), Arrás, Saint-Omer faziam parte da Flandres medieval e, hoje em dia, mantêm ainda características comuns e bem definidas

E os três citados Livros de Horas «à l'usage de Rome», como se diz em francês, apesar de S. Winnoc figurar nos respectivos

(17) Para a bibliografia latina de S. Winnoc, cf. *Bibliotheca H agio graphica Latina*, t. 2 (Bruxelas, 1949), ipp. 1292.

(18) V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits do la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), pp. 123-125.

I(19) *Ib.*, pp. 149-150.

(20) *Ib.*, pp. 171-172 e 1\*77-178.

(21) *Ib.*, pp. 267-268.

(22) *Ib.*, t. 2 i(Paris. 1927), pp. 51-53.

(23) *Ib.*, t. 2 '(Paris, 1927), pp. 253-254.

calendários? Até esses ((embora seguindo a liturgia romana) nasceram na Flandres.

Com efeito, o (primeiro, além dos santos venerados na Flandres, sobretudo S. Winnoc, tem as rubricas em picardo. Ora, no tempo dos romanos, a Picardia estava unida à Bélgica e, na Universidade de Paris, na Idade Média e no séc. XVI, a nação picarda (*nation picarde*) englobava também as dioceses de Cambraia, Tournai, Liège e Maestricht. É um Livro de Horas pelo menos escrito no norte da França actual: «C'est donc un livre d'Heures à l'usage de Rome qui a été exécuté dans le nord de la France» (24).

O segundo Livro de Horas, embora tenha o Ofício de Nossa Senhora e o Ofício de Defuntos conforme o uso romano, faz menção de S. Landoaldo, no calendário. Esta menção e a dos santos «Livin, Winnoc et Bavon, des saintes Amelbergue et Dymne dans les litanies, autorise à conclure que le manuscrit a été exécuté pour la région des Flandres» (25). Para a Flandres e tudo leva a crer que na Flandres.

O terceiro Livro de Horas, cujo calendário e ladainhas são de tipo flamengo, parece originário da região de Bruges (26). As ladainhas são menos características. Ainda assim, vemos lá S. Lamberto, talvez o de Maestricht '(na Holanda actual) e S. Bertino, abade de Saint-Omer. Este facto e as características flamengas bem acentuadas do calendário chegam para situar geograficamente o Livro de Horas, embora não bastem para o identificar litúrgicamente. Mas sabemos que está segundo o costume romano. Há, pois, relações habituais e à parte entre S. Winnoc e a Flandres.

Antes de situarmos o Livro de Horas del-rei D. Duarte nas terras flamengas do séc. XV, recordemos as relações entre Portugal e esse país.

Tais relações eram intensas (27) e havia lá uma feitoria portuguesa. Mais tarde, em 1467, Frei João Alvares deslocava-se a essas regiões, a instâncias da infanta portuguesa D. Isabel, duquesa

(24) *Ib.*, t. 1 (Paris, 1927), 1927) p. 124.

(25) *Ib.*, p. 171.

(26) *Ib.*, t. 2 (Paris, 1927), p. 53.

(27) *Monumenta Hvnricina*, t. 1 (Coimbra, 1960) pp. 208, 328, 329, 331; t. 2 (Coimbra, 1969), ipp. 39-48, 76, 137, 139, 141, 364-366; t. 3 (Coimbra, 1961) pp. 32, 35-37, 215-216, etc.

de Borgonha e condessa da Flandres. Em Dezembro do mesmo ano, vemo-lo em Bruxelas. E no ano seguinte, pelo mês de Setembro, encontrava-se em Bruges, donde escrevia aos seus monges <sup>(28)</sup>.

Também D. Isabel gostava de livros iluminados <sup>(29)</sup> e o seu irmão D. Duarte podia ter-lhe pedido para lhe arranjar o Livro de Horas, pois era condessa da Flandres e duquesa de Borgonha desde 1430, quando D. Duarte ainda não cingira a coroa.

Mas podia igualmente pedir esse favor a qualquer feitor da Flandres. Na verdade, os feitores da Flandres, meio cónsules meio agentes comerciais, também se encarregavam destes negócios delicados. Assim, no ano de 1471, D. Afonso V ordenou o pagamento de duas libras e quatro soldos «por huï livro de horas de Samta Maria», encomendado a João Estevéns, feitor da cidade ide Bruges (°).

Posto isto, vamos verificar o carácter flamengo do calendário do Livro de Horas del-rei D. Duarte, já insinuado pela presença de S. Winnoc.

Antes de mais nada, analisemos as possibilidades da Inglaterra, dadas as relações da família real portuguesa com esse país. Pois bem, o calendário não é tipicamente inglês.

Traz, é certo, S. Eduardo, mártir, rei da Inglaterra, por sinal a 19 de Março e não a 18 <sup>(31)</sup>. Tem igualmente a festa do mártir inglês S. Albano i<sup>(32)</sup>. Omite, contudo, outros bem-aventurados, como S. Dunstano de Oantuária, a 19 de Maio; S. Cutberto de Inglaterra, a 20 de Março; e sobretudo S. Eduardo, confessor, aos 13 de Outubro, na igreja da Inglaterra. Tais omissões são de estranhar, porque essas festas tornaram-se populares na Grã-Bretanha e o próprio povo ia marcando as datas do ano pelos santos mais conhecidos do calendário religioso.

Em compensação, dominam os santos da devoção flamenga (e desta região faziam parte algumas comunas do norte da Fraínça actual).

<sup>(28)</sup> ADELINO DE ALMEIDA CALADO, *Frei João Álvares* (Coimbra, 1964), p. 57.

<sup>(29)</sup> D. 'MANUEL II, *Livros Antigos Portuguezes*, t. 1 (Londres, 1929), pp. 14-22.

<sup>(30)</sup> A. BRAAMCAMP IFREIRE, *Maria Brandoa, a do Cristal*, em «Archivo Histórico Portuguez», t. 6 (Lisboa, 1908), pp. 363, 437.

<sup>(31)</sup> Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 4 v.

<sup>(32)</sup> *Bibliotheca Hagiographica Latina*, t. 1 (Bruxelas, 1949), p. 213.

A 13 de Junho, aparece o nome de S. António de Lisboa. Mas, como se o autor do calendário tivesse o propósito de não esquecer os santos flamengos, junta-lhe S. Landoaldo: *Anthorui confessoris, de ordine minorum, et Landoaidi episcopi* <sup>(33)</sup>. Ora, tanto o Martirologio Romano como a *Bibliotheca Hagiographica Latina* <sup>(34)</sup> colocam a festa de S. Landoaldo de Gante (pois dele se trata) a 19 de Março. Sem enxergarmos, por enquanto, as razões de pôr a festa neste dia, salta à vista o empenho em evitar que S. Landoaldo ficasse ofuscado por S. António. É que ele foi um dos companheiros de S. Amando, apóstolo da Flandres.

Vimos atrás como Leroquais faz de S. Landoaldo um dos santos característicos dos calendários flamengos. Ele, S. Livino, S. Winnoc e S.<sup>ta</sup> Amelberga. Pois bem, também estes aparecem no nosso calendário <sup>i</sup><sup>(35)</sup>.

A tais nomes podemos acrescentar o de S. Ricário <sup>></sup><sup>(36)</sup>, na Galo-Bélgica, e S. Lamberto <sup>(37)</sup>, bispo de Maestricht, assassinado em Liège, onde repousam as suas relíquias.

Quanto a S.<sup>ta</sup> Amelberga de Gante, aparece a 15 de Maio <sup>(38)</sup> e não a 10 de Julho, como vem no Martirologio Romano e em geral nos Livros die Horas e nos breviários apontados por Leroquais <sup>(39)</sup>. Estamos em plena liberdade medieval, com costumes próprios 'das dioceses e mosteiros. E assim, bairita recordar umas Horas da Flandres, do sec. XV, onde a festa de S.<sup>ta</sup> Amelberga está a 14 de Maio <sup>(40)</sup>, um dia antes do assinalado pelas Horas del-rei D. Duarte.

A estes santos, seja-nos lícito juntar outros a convergir para o mesmo ponto: S. Remigio, bispo de Reims <sup>(41)</sup>, capital da Galo-

<sup>(33)</sup> Tome do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 7.

<sup>(34)</sup> *Bibliotheca Hagiographica Latina*, t. 2 (Bruxelas, 1949), p. 702.

<sup>(35)</sup> Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei 'D. Duarte, fis. 6 e 12.

<sup>(36)</sup> *Ib.*, fl. 5 v.

<sup>(37)</sup> *Ib.*, fl. 10.

<sup>(38)</sup> *Ib.*, fl. 6.

<sup>(39)</sup> V LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927) p. 62, cita um caso em que a festa de S.<sup>ta</sup> Amelberga vem a 9 de Julho. A *Bibliotheca Hagiographica Latina* refere-se a duas sautas com este nome, uma delas viúva e a outra, mais famosa, virgem, situando-as ambas na Bélgica e a 10 de Julho. A segunda é que foi trasladada para Gante.

<sup>(40)</sup> *Ib.*, p. 267.

<sup>i</sup><sup>(41)</sup> Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 2.

-Bélgica, no tempo dos romanos; S.<sup>ta</sup> Aldegundes<sup>(42)</sup>, da abadia de Maubege, perto da fronteira actual com a Bélgica; S. Amando, como já dissemos, apóstolo da Flandres <sup>(43)</sup> ; S.<sup>ta</sup> Gertrudes do Brabante <sup>(44)</sup> ; S. Urmaro Laubiense, na foz do Reno<sup>(45)</sup>, cujas relíquias se veneram em Mons, na Bélgica; S. Ricário <sup>(46)</sup>, abade do mosteiro de Cêntula, na Galo-Bélgica; etc.. Estes santos (e não nomeamos todos) reforçam a segurança do caminho apontado pela presença de S. Winnoc, no calendário das Horas del-rei D. Duarte.

Se pretendêssemos assinalar uma região provável para o calendário, seríamos tentados a propor, por exemplo, Maestricht, ou então Liège, para onde foi transferida a sé de Maestricht. E vamos explicar a razão.

O calendário das Horas del-rei D. Duarte aponta somente a trasladação de alguns santos famosos em toda a Cristandade: de S. Agostinho <sup>(47)</sup>, de S. Nicolau de Mira <sup>(48)</sup>, do apóstolo S. Tomé, de S. Martinho de Tours e de S. Bento<sup>(49)</sup>.

E de repente, a 26 de Outubro, vemos uma trasladação desconhecida do martirologio romano, dum santo quase ignorado entre nós i(que não nos territórios belgas e holandeses): *Translado sancti Amandi* <sup>(50)</sup>. É que S. Amando, dizia a tradição, fora bispo de Maestricht i<sup>(51)</sup>.

Históricamente, parece que o santo nunca teve sé fixa, à maneira doutros missionários itinerantes do seu tempo. Mas para os homens da Idade Média, S. Amando, apóstolo da Flandres, era sobretudo *episcopus trajectensis* (bispo de Maestricht) e fundador do mosteiro de Elnon, depois chamado Saint-Amand-les-Eaux, do antigo condado da Flandres e só francês a partir de 1667.

<sup>(42)</sup> *ib.*, fl. 2 v.

<sup>(43)</sup> *Ib.*, fl. 3.

<sup>(44)</sup> *Ib.*, fl. 4.

<sup>(45)</sup> *Ib.*, fl. 5 v.

<sup>(46)</sup> *Ibidem.*

<sup>(47)</sup> *Ib.*, fl. 3 v.

<sup>(48)</sup> *Ib.*, fl. 6.

<sup>(49)</sup> *Ib.*, fl. 8.

<sup>(50)</sup> *Ib.*, fl. 11 v.

<sup>(51)</sup> Sobre S. Amando, cf. É. DE EMOREAU, *Histoire de VÉglise en Belgique*, t. 1 (Bruxelas, 1945) <pp. 78-91, 107-119, 133-135, etc.

A festa da trasladação supõe, de facto, uma especial relação entre o calendário das Horas del-rei D. Duarte e as terras onde S. Amando tinha culto mais solene, por ser delas patrono. Estava no caso a abadia de S. Amando, Maastricht e ainda Liège, para onde passou a sé die Maastricht. Porém, o santo era também muito venerado noutros (lugares da Flandres e não podemos tirar conclusões apressadas. Com efeito, a trasladação de S. Amando vem noutros Livros de Horas e Leroquais não os situa, só por isso, em Maestrich, Liège ou Saint-Amand-les-Eaux. Basta pensar pois na Bélgica, Holanda e norte da França, antigamente sob o signo da Flandres. Ainda assim, Maestricht-Liège continua a ter as suas probabilidades, aliás reforçadas pelas ladainhas.

Na verdade, as ladainhas dos santos <<sup>(52)</sup> têm uma palavra a dizer. Nelas, os últimos santos invocados chamam-se Fé, Esperança e Oaridadie. Os restantes nomes parecem-inas inceniores e vulgares, afora três mais significativos: S. Géreon (ou S. Gereão), mártir d'e Colólnia, perto idie Flandres; S. Servácio, precisamente 'bispo de Maestrich; e finalmente, S<sup>ta</sup> Aldeguinideis, discipula de S. Aubert© e S. Amianldo, apóstolos dia Flandres e das terras em volta. Nela nos vamos fixar.

Das centenas de Livros de Horas analisadas por Leroquais, o nome de S.<sup>ta</sup> Aldegundes emerge dez vezes, nas ladainhas: num Saltério-Livro de Horas, conforme o costume de Liège; numas Horas do norte da França, ou talvez da Flandres; numas Horas da Picardia, amplamente colonizada por flamengos; numas Horas com santos de Paris e do norte da França, mas de situação geográfica pouco fácil de localizar; numas Horas da Flandres, do séc. XV; num Saltério-Livro de Horas do séc. XIII, para uso de Saint-Amand-les-Eaux, onde repousam as relíquias do apóstolo da Flandres; num Livro de Horas com um calendário e ladainhas de tipo flamengo; noutras Horas, da Flandres ou do norte da França; noutras do norte da França; noutras, provavelmente de Saint-Omer, na Flandres ><sup>(53)</sup> ; finalmente, numas Horas de ladainhas também flamengas <sup>(54)</sup>-

(<sup>52</sup>) Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fis. 302 v.-309 v.

(<sup>53</sup>) V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de Ja Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927) pip. 57, 63, 124, 127, 267; *ibt.* 2 (Paris, 1927), pp. 44, 52, 83, 149, 253.

(<sup>54</sup>) IDEM, *Supplément aux Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale* (Maçon, 1943), p. 6.

Temos, pois, a união permanente (ou quase) do nome de S.<sup>ta</sup> Aldegundes, nas ladainhas, e das terras flamengas ou por elas influenciadas. Em rigor, não serve de prova. Reforça, no entanto, a tese da origem tipicamente flamenga das Horas del-rei D. Duarte.

Façamos o mesmo ao nome de S. Servado, bispo de Maestricht. Nos Livros de Horas estudados por Leroquais (mais de trezentos e trinta), aparece cinco vezes nas ladainhas, a saber: num Saltério - Livro de Horas de Liège (isto é, segundo os costumes de Liège), do séc. XIII; numas Horas de Passau, na Baviera, também do séc. XIII; numas Horas de Liège, do séc. XV; num Saltério-Livro de Horas de Liège, do séc. XIII; e finalmente, num Saltério-Livro de Horas de Saint-Amand-les-Eaux, da mesma época (5<sup>o</sup>).

Quer dizer, afora a excepção de Passau, trata-se em todos os casos ida diocese de Liège, sucessora da sé de Maestricht, e de Saint-Amand-les-Eaux, onde foi sepultado o corpo de S. Servácio.

Por conseguinte, no caso das Horas del-rei D. Duarte, podemos não só inclinar-nos para a Flandres, dum modo geral, mas também, dum modo especial, para Saint-Amand-les-Eaux, Maestricht e, sobretudo, Liège, cidade mais acessível às relações com Portugal.

Em soma, este Livro de Horas destinava-se, como veremos, a um membro da família real portuguesa. O escriba, desconhecendo o calendário português ou não tendo ordem para o copiar (ou ambas as coisas), lançou mão dum calendário de tipo flamengo.

E, já agora, pedimos ao leitor que olhe para o quadrozinho de página, nias Horas del-rei D. Duarte, a representar o Pentecostes (5<sup>o</sup>). O telhado da casa, onde estão os apóstolos em torno da Virgem Maria, tem duas pequenas águas-furtadas e, pormenor a fixar, as telhas são chatas e em forma de escamas, iguais às telhas de ardósia em uso na Europa do Norte. Tal pormenor reforça o que até agora temos afirmado, acerca das origens das Horas del-rei D. Duarte.

Já vimos que Portugal mantinha relações íntimas com a Flandres, cuja actividade artística era enorme (57)- Ali se desenvolveu uma indústria exportadora de manuscritos iluminados (58), enrai-

(1,1<sup>o</sup>) V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), pp. 56, 314, 336; *Ib.*, t. 2 (IPairis, 1927), pp. 43, 44.

(56) Tome dio Tombo, Livro de Horas deil-rei ID. Dinante, fl. 77 v.

(57) DAVID DIRINGER, *The Uluminated Book* (Londres, 1958), ipp. 431-458.

(58) *Jb.*, pp. 440-441.

zada numa tradição viva, onde brilhava, por exemplo, a escola de Maestricht <sup>(5J)</sup>. Nesta escola nasceram as Horas de Maastricht, do final do séc. XIII, ornadas por impressionantes quadrinhos: a raposa a fingir de morta, os três vivos e os três mortos (um dos pontos de partida da Dança Macabra), cavaleiros, torneios, etc.

Contudo, torna-se quase impossível, guiando-nos somente pelas características de arte, situar tais ou tais Horas nesta ou naquela cidade flamenga, holandesa ou «ainda do norte da França: «We find the same style in works produced at Soissons, Laon, Cambrai, and in Flanders, and even as far south-eastwards as Trêves (as shown by the border-decoration of a Kopiaibuch, written for Archbishop Baldwin, and now in the Archives at Coblenz). For the sake of convenience we may regard the production of Soissons and Laon as French, those of Cambrai as Flemish, and those of Trêves as Germán» <sup>(G0)</sup>. Havia, por outro lado, escolas franco-flamengas de iluminação <sup>(61)</sup>. E a magnífica escola borgonhesa de livros iluminados «was part and parcel of Flemish illumination; moreover, the artists who worked for the Burgundian court were mainly Flemish, employing the same style as in Flanders» <sup>(G2)</sup>. Surgiram vários nomes de iluminadores famosos na corte de Borgonha <sup>(G3)</sup> e também ali poderia ter nascido o Livro de Horas del-rei D. Duarte, por interferência de sua irmã D. Leonor, duquesa de Borgonha. E nem assim tais Horas deixariam de ser flamengas, pelos «autores e pelo estilo. Mas «do poder ser ao ter sido, vai, neste caso, uma distância desconhecida. Talvez muita, talvez nenhuma.

Poderemos nós dizer, neste caso, que se trata dum Livro de Horas conforme os usos litúrgicos da Flandres ou, mais exactamente, de Liège, com o Ofício de Defuntos próprio dessa diocese <sup>(G4)</sup> ? Trata-se da identificação litúrgica e a ela passamos, assim como à identificação da pessoa para quem se destinava o Livro de Horas.

Apoia-se a identificação litúrgica na leitura do texto do Livro

<sup>(59)</sup> *Ib.*, 435.

<sup>(TM)</sup> *Ib.*, p. 431.

<sup>(in)</sup> *Ib.*, pp. 441-442.

<sup>(62)</sup> *Ib.*, p. 418.

<sup>(G3)</sup> *Ib.*, pp. 424-431.

<sup>(i4)</sup> É o caso dumas Horas, «actualmente na Bibl. Nac. de Paris, ms. 10 535, dio final de quatrocentos. Cf. V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), pp. 335-337.



de Horas e não só no calendário ou nas ladainhas. E é a leitura desse texto que nos desvenda, por vezes, o dono inicial do manuscrito, isto é, para quem o escreveram.

Vários estudiosos da parte artística dos Livros de Horas erraram nos seus cálculos, por ficarem só na ornamentação ou na biblioteca de origem i<sup>(G5)</sup>.

Por exemplo, nas Horas da rainha Violante, da Biblioteca de Aix, no Ofício de Nossa Senhora, a antífona da hora de sexta começa *Benedicta est a Filio tuo...*, em lugar de *Benedicta es tu...* ÚPods bem, mostram os entendidos que tal particularidade (aliés reforçada por outros argumentos) chega para situar a abriinha na diocese de Ruão.

As preces mariamas dos Livros de Horas, *Obsecro te* e *O intemerrata*, podem ter frases reveladoras, em que algumas palavras estão no masculino ou no feminino, conforme o destinatário era homem ou mulher. Indício, não certeza absoluta, pois os copistas nem sempre sabiam bastante latim e às vezes copiavam à letra, sem esooigitar nais mudanças a fazer. Ainda assim, indício de valor.

Em certos casos, aparece nestas orações o nome do primeiro proprietário, como nas Horas de Jean Vervin, abade de Montiéramey: «Et michi Iohanni fãmulu tuo impetres...».

Noutros casos, as conclusões a tirar chegam a ser contundentes, mesmo para os estudos artísticos. Assim acontece nas Horas de Frederico de Aragão.»

Émile Mâle, com efeito, no artigo *Trois heures de Jean Bourdichon*, atribuía as ditas Horas ao citado Bourdichon. Numa página reveladora, aliás, de grandes conhecimentos da história de arte, afirma que Bourdichon executou tais Horas para Fernando de Aragão (t 1494), rei de Nápoles.

Porém, esqueceu-se do contexto do *Obsecro te* e do nome, que lá aparece, do rei Frederico da Casa de Aragão (e não Fernando) : *et mihi famulo tuo Federico...* (P>P>). E na oração da SS.<sup>ma</sup> Trindade, outra vez o mesmo nome, a assegurar-nos a certeza anterior: *da mihi famulo tuo Federico victoriam contra inimigos meos... Libera me famulum tuum Federicum... Benedicat me Federicum imperialis Maiestas...* (67).

(G5) *Ib.*, pp. XXXII-XL.

(GG) *Ib.*, p. 330.

(G7) *Ib.*, p. 329.

Temos, por conseguinte, de atender à condição-base da leitura do texto latino, para além do calendário, mesmo para uma casual identificação do primeiro destinatário do Livro de Horas.

Ora, as razões para estudo atento crescem, quando se trata de identificar litúrgicamente este ou aquele Livro de Horas.

Em certas ocasiões, o problema Simplifica-se bastante, tanto nos manuscritos como nos impressos, mediante títulos explícitos: *Hore intemerate virginis Marie secundum usum Romanum* (por Thielman Kerver, Paris, 1503). Ou então: *Heures a lusage Dangers* (por Simon Vostre, Paris, 1497). E ainda *Heures a lusaige de Paris* (por Germain Hardouyn, Paris, c. 1500). Quando faltam, porém, esses títulos identificadores, como conheceremos nós a que variante litúrgica pertencem os Livros de Horas? E mesmo com o título declarado, não poderá haver erro, como no ms. lat. 14 829 da Bibl. Nac. de Paris?

A maioria dos Livros de Horas não indica, no começo, que rito segue — e damos à palavra *rito* um significado muito amplo, de forma a abranger costumes ou variantes litúrgicas nem sempre de importância.

Se tal ou tal Livro de Horas se fazia *para usar* em tal diocese ou abadia, seguia normalmente as suas usanças—essas «consuetudines» que tinham quase força de lei.

Mas fabricavam-se na Flandres, por ex.emplo, Livros de Horas para regiões onde imperava a liturgia romana, numa espécie ide «literatura» de exportação. Desta forma, o calendário podia ser flamengo. O texto, porém, servindo às vezes para acompanhar as cerimónias religiosas a que o destinatário assistia, entre elas a celebração do Ofício de Defuntos, podia não ser, litúrgicamente, desta ou daquela diocese flaimengia. Será assim nas Horas dél-rei D. Duarte?

Falconer Madan, num artigo intitulado *Hours of the virgin Mary (tests for localization)*, indicava os elementos práticos para a identificação litúrgica, recorrendo às antífonas e capítulos da prima e da noa. Segundo afirma o douto e modesto bibliotecário, basta isso para concluir de que diocese ou abadia eram os Livros de Horas. Podiam ser feitos noutros lugares. Mas, destinando-se a esta diocese ou àquela abadia, tinham de sujeitar-se às suas variantes características, de tal diocese ou abadia, nas antífonas e capítulos das horas de prima e de noa.

Tais elementos, na verdade, são úteis. Porém, indubitavelmente insuficientes, nalguns casos.

Com efeito, tais antífonas e capítulos são comuns (e não específicas) de vários abadias, dioceses e ordens religiosas.

Além disso, em muitos Livros de Horas do centro e, sobretudo, do sul da França, as horas canónicas breves (prima, terça e noa) não trazem antífonas.

Lerouquais ampliou, por conseguinte, o método de Falconer Madan e vamos ver a que conclusões chegou.

No Ocidente, até à reforma de Pio V (f 15721), a antiga liturgia varia-se pela diversidade. Assim, os hinos, as antífonas, os salmos, as lições, os responsos e capítulos variam com frequência de diocese para diocese. É recorrendo a todos estes elementos que nós podemos classificar litúrgicamente tal ou tal breviário.

Pois bem, as características litúrgicas dos breviários passaram, de algum modo, para os Livros de Horas, pois estes herdaram daqueles o Ofício de Nossa Senhora e o Ofício de Defuntos.

Teria o rei D. Duarte, por exemplo, mandado seguir, no seu Livro de Horas, os costumes de Salisbúria? Com efeito, escreve Fernão Lopes que a rainha D. Filipa de Lencastre «rezava sempre oras canónicas pelo costume de Salesbri» e os seus capelães faziam o mesmo<sup>(8)</sup>. Por si ou por outros, sabia Fernão Lopes como era complicado o costume de Salisbúria e acrescentava que a rainha velava pelo bom cumprimento das rubricas.

Por sua vez, a *Crónica do Infante Santo* conta-nos que o infante D. Fernando, depois dos 14 anos, «teve regra de rezar todas oras canónicas, segundo o costume inglês de Salesbery»<sup>(9)</sup>. Horas canónicas e não Horas de Nossa Senhora. Mesmo estas podia-as rezar por um breviário.

Tornamos a perguntar: O rei D. Duarte, formado religiosamente por D. Filipa de Lencastre, não teria ao menos o gosto de arranjar um Livro de Horas com o Ofício de Nossa Senhora e o Ofício de Defuntos pelo rito ou costume litúrgico de Salisbúria? Ou teria preferido o uso romano, vulgar em Portugal e preferido pelo infante D. Pedro, na reza das horas canónicas?

<sup>(8)</sup> FERNÃO ILOPES, *Crónica de D. João I*, t. 2 (Porto, 1949), p. 226.

<sup>(9)</sup> FREI JOÃO ALVARES, *Obras*, t. 1 (Coimbra, 1960), p. 8. Para o infante D. Pedro, cf. Rui DE PINA, *Crónica do rei D. Afonso V*, cap. 125.

Por mais raros e precisos para o nosso caso, vamos transcrever as listas dos «começos» ou «entradas» (*initia*) do Ofício de Nossa Senhora, ide Salisbúria ;

MATINAS

*Hino*: Quem terra...  
*Antífona*: Sancta Maria...  
*Lição I*: Sancta Maria...  
*Lição II*: Sancta Maria...  
*Lição III*: Sancta Dei...

LAUDES

*Antífona*: O admirabile...  
*Capítula*: Maria Virgo...  
*Hino*: O gloriosa...  
*Antífona*: O gloriosa...

PRIMA

*Hino* : Veni, e reator...  
*Hino*: Veni, creator...  
*Capítula*: In omnibus...

TEÍRCIA

*Hino*: Veni, creator...  
*Antífona*: Quando natus es...  
*Capítula*: Ab inicio...

SEXTA

*Hino*: Veni, creator...  
*Antífona* : Rubum...  
*Capítula*: Et sic in Sion...

NOA

*Hino*: Veni, creator...  
*Antífona*: Germinavit...  
*Capítula*: Et radicavi...

VÉSPERAS

*Antífona*: Post ipartum...  
*Capítula*: Beata es...  
*Hino*: Ave, maris stella...  
*Antífona*: Sancta Maria...

## COMPLETAS

*Antifona:* Cum iocunditate...

*Hino:* Virgo singularis...

*Capitula:* Sicut cynamomum...

*Antifona:* Glorificamus te... <sup>(70)</sup>.

Vem este Ofício de Nossa Senhora numas Horas de Salisbúria, impressas em 1495. Deixamos as Horas de Roma ou de Paris (não dizemos impressas em Roma ou em Paris), por serem mais vulgares, e passamos a transcrever as «entradas» do Ofício de Nossa Senhora, das Horas dei-rei D. Duarte:

## MATINAS

*Hino:* Quem terra...

*Antifona:* Benedicta tu...

*Lição I:* In omnibus...

*Lição II:* Et sic in Syon...

*Lição III:* Quasi cedrus...

## LAUDES

*Antifona:* Assumpta es...

*Capitula:* Viderunt eam...

*Hino:* O gloriosa...

*Antifona:* Beata Dei genitrix...

## PRIMA

*Hião:* Memento...

*Antifona:* Assumpta est...

*Capitula:* Que est ista...

## TÉRCIA

*Hino:* Memento...

*Antifona:* Maria virgo...

*Capitula:* Et sic ut Syon...

<sup>(70)</sup> V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), p. XXXVIII.

SEXTA

*Hino:* Memento...

*Antífona:* In odorem...

*Capítula:* Et radicavi...

NOA

*Hino:* Memento...

*Antífona:* Pulchra es...

*Capítula:* /In plateis...

VÉSPERAS

*Antífona:* Dum lessiet rex...

*Capítula:* Ab inicio...

*Hino:* Ave Maris stella...

*Antífona:* Deata mater...

'COMPLETAIS

*Antífona:* (Não tem).

*Hino:* Memento salutis...

*Capítula:* Ego mater...

*Antífona:* Sub tuum... (71).

Podemos, pois, concluir, 'mediante a comparação de ambas as listas, que o Ofício de Nossa Senhora, no Livro de Horas del-rei D. Duarte, não siegue os costumes de Salisbúria. Mas se compararmos tal ofício (das Horas del-rei D. Duarte) com as páginas correspondentes das *Hore intemerate virginis Marie secundum usum Romanum*, editadas por Thielman Kerver'(72), lá encontraremos «entradas» iguais às do Livro de Horas duartino.

Quer dizer, embora o calendário seja de origem flamenga e o Livro de Horas também (segundo todas as probabilidades), o rito é romano e não de Cambraia, Arrás ou Tournai. E também não segue o costume de Salisbúria, como já dissemos. Aliás, no começo do Ofício de Nossa Senhora, diz-nos o título que está conforme ao

(71) Torre d© Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fis. 97 e ss.

(72) *Hore intemerate virginis Marie secundum usum Romanum, cum pluribus orationibus tam in gallico quam in latino* i (Paris, 1503)<sup>1</sup>, fis. 15 \*e ss.

uso da Cúria Romana: *Incipit officium beate Marie virginis ad usum romane curie (J<sup>3</sup>)*.

Podia, porém, acontecer o mesmo que numas Horas onde o Ofício de Nossa Senhora abre desta maneira: *Incipiunt hore beate Marie virginis secundum consuetudinem ecclesie Romane*. O calendário e as litánias parecem da Flandres ou do Brabante — mas as Horas de Nossa Senhora não são romanas (74), ao contrário das Horas del-rei D. Duarte.

Quanto ao Ofício de Defuntos i(75), também as «entradas» das nove lições coincidem com as do cosituimie romiano: *Parce michi domine... Tedet animam meam... Manus tue domine... Responde michi... Homo natus... Quis mihi hQc... Spiritus meus... Pelli mee consumptis... Quare de vulva... (7G)*. Passemos, agora, à identificação da pessoa para quem se fizeram 'estas Horas.

Este Livro de Horas hão só pertencia a el-rei D. Duarte (e as orações por ele acrescentadas provam-no com exuberância) mas também foi lescrito para ele, ou, pelo pelo menos, para um membro da família real portuguesa.

Com efeito, na fl. 97, traz o escudo português das quinas, no começo do Ofício de Nossa Senhora. E ao fundo da página, lê-se esta frase latina, a indicar o dono do Livro de Horas: *Illustrissimi principis Eduardi, Johannes Portugalie et Algarbii regis serenissimi Cepteque domini filii primogeniti*. Pertence ao ilustríssimo príncipe Duarte, filho primogénito do sereníssimo rei de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta, D. João.

Quer dizer, este Livro de Horas era de D. Duarte anteriormente à morte de D. João I (t 1433).

Seria D. Duarte quem o encomendou para si? Parece-nos mais provável. Se antes pertencesse a outro membro da família real e este lho oferecesse, supomos que D. Duarte, grato como era, notaria também o facto, ao fundo da página, na filactéria segura por uma mão, onde estão as linhas em latim acima transcritas — e que não estamos seguros de pertencerem ao escriba da mesma folha. Mas,

(73) Torre do Tombo, Livro de Hoyáis dél-rei D. Duarte, fl. 97.

(74) y# LEROQUAIS, *Les Livres cTHautes manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 2 (Paris, 1927), pp. 164-166.

(75) Torre do Tombo, ILivro de Horas del-rei D. Duarte, fıs. 324 e ®s.

(76) *Heures a lusaige de Rôme* (Paris, 1502)', fl®. 62 v., 63, 65, 65 v., 67 v., 68.

em história, nem sempre acontece o mais verosímil. E podia ser, por exemplo, um presente da iniciativa de D. Isabel de Borgonha sua irmã — dum livro feito primeiramente para ela. É possível. Mas, nesse caso, ter-se-ia desfeito depressa do Livro de Horas. E isto faz-nos hesitar, pois eram obrinhas muito estimadas.

Em qualquer caso, pertenceu a el-rei D. Duarte, antes mesmo de cingir a coroa. No Livro de Horas, nenhum elemento interno levanta qualquer dificuldade. No calendário, as datas coincidem com o tempo do rei D. Duarte. Falta S.<sup>ta</sup> Catarina de Sena, canonizada em 1461. Falta igualmente S. Vicente Ferrer, canonizado em 1455, para não falarmos de S. Nicolau Tolentino que subiu aos altares em 1446. Do mesmo modo, falta S. Bemardino de Sena, contemporâneo del-rei D. Duarte e canonizado em 1450. É verdade que estas Horas nomeiam o franciscano S. Boaventura, no título dumas *hore sancte crucis*. Porém, não o apresentam como santo (só o canonizaram em 1482) mas, sim, como cardeal e frade menor: *hore sancte crucis, edite a domino Bonaventura, Romane ecclesie cardinali, ordinis minorum dignissimo professore* (77). Não são provas seguras, porque pode omitir-se este ou aquele santo por descuido de actualização. Trata-se, porém, de inidóios seguros, no conjunto. As orações acrescentadas ao Livro de Horas, uma delas a S. Eduardo da Inglaterra, outras por alma dos pais (D. João I e D. Fillilpa de Lelncastre), reforçam o valor probativo de tais indícios, com tudo o que temos dito. Entramos a falar desse ponto.

Um Livro de Horas assemelha-se a um ser vivo, pode mudar com o tempo. Passava de geração em geração e tanto o novo dono como o antigo entregavam-no, por vezes, a copistas e iluminadores para lhe ajuntarem outras orações e miniaturas. Ou então escreviam eles mesmos ou mandavam escrever notas familiares.

Desta forma, alguns Livros de Horas chegam a registar, por exemplo, notícias breves duma família — linhas íntimas de nascimentos, baptismos e mortes, ao longo de muitas gerações.

Nas Horas de René de Anjou, rei de Jerusalém e da Sicília, do terceiro quartel de quatrocentos i(78), nas margens do calendário, lêem-se, em francês, várias recordações de nascimentos, mortes e

(77) Torre do Tombo, o Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 187.

(78) Bibl. Nac. de Paris mis. liat. 17 332. Cf. V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 2 (Pari®, 1927), pp. 171-174,



factos históricos <sup>(79)</sup>, neste estilo: *Le xxij.<sup>o</sup> jour de mars Mil cccc xxix nasquit madame Marguerite seconde fille du Roi René de Sicile, duc d'Aniou.*

Noutros casos, alguns donos de Livros de Horas ajuntavam esta ou aquela devoção. No iluminado 166, da Biblioteca Nacional de Lisboa, manuscrito de origem estrangeira, mão portuguesa acrescentou-lhe, além do Credo e das chamadas preces do papa S. Gregório (*O Domine lesu Christe...*), urnas ladainhas de Nossa Senhora <sup>(80)</sup>, com esta nota final: «Em a fim se diga hũa avemaria pollo escrivão». Vem isto nas últimas folhas. E no começo, antes mesmo do calendário, antepuseram uma oração a S. Francisco de Assis e uns versículos que, segundo a lenda, o diabo ensinou contra vontade a S. Bernardo de Claraval <sup>(81)</sup>.

Quer dizer, os Livros de Horas cresciam em tamanho, emigravam duma terra para a outra e «assimilavam, por vezes, algo da nova pátria e do novo dono.

As Horas del-rei D. Duarte não escaparam a tais vicissitudes. Com efeito, o rei acrescentou-lhes '(ou mandou acrescentar) algumas orações, de certo valor autobiográfico, pois trata-se de preces do seu gosto e de orações por alma do pai e da mãe.

D. Duarte era um homem bem musculado, de *grandes e fortes membros*, rosto redondo, barba rala e palavras agradáveis. Sério, muito religioso, mas não beato. Amigo de andar a cavalo, *caçador e monteiro* <sup>(82)</sup>, mas sem abandonar o governo nem renegar os livros. Dele pode escrever Fernando Pessoa, no estilo breve e lapidar duma inscrição para a eternidade:

Meu dever fez-mie, como IDEus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuflíow e fundo.  
  
Firme em minhia tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

(79) GUILLAUME DE BURE, *Catalogue des Livres de la Bibliothèque de Feu M. le Duc de la Valtière*, t. 1 (Paris, 1783), pp. 100-103.

(80) Cf. MÁRIO MARTINS, *Ladainhas de Nossa Senhora em Portugal* (Lisboa, 1961), ipp. 53-59, onde vem essa litania.

(81) ;Sobre tais preces, cf V. LEROQUAIS, *Les Livres d'Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), pp. XXX-XXXI.

(82) Rui DE PINA, *Crónica do Rei D. Duarte* (Lisboa, 1901), p. 26, cap. 3.

O dever brilhava como uma estrela implacável no horizonte escuro da sua existência. E fazia por não se afastar ideie. Ao levantar-se, rezava uma curta oração da manhã. Pelo menos, fê-la copiar ino seu Livro de Horas. Em primeiro lugar, a antífona: *Senhor, digno és de adoração e louvor, tu que trazes os homens à existência e os governas sob a tua protecção ao longo da vida.* Segue-se o versículo : *Louvo-te, ó Deus, que me erraste.* Depois, a resposta: *E te dignaste conceder-me tão longa vida.* Finalmente, a oração: *Graças te dou, Deus eterno e todo-poder oso, que me fizeste chegar até ao dia de hoje, e peço-te humildemente que, de futuro, me faças viver e cumprir a tua vontade, evitando o que lhe é contrário, de modo a chegar ao reino da glória, onde vives e reinas por todos os séculos dos séculos, ámen.* Tudo isto em latim.

Prece de rigoroso enquadramento litúrgico, como estamos a ver. E o mesmo acontece nas comemorações da Sainita Cruz, de S. Eduardo, S. Sebastião e S. Jorge, todas elas antes do calendário e em letra do séc. XV.

Orações parecidas vêm também nalguns Livros de Horas <sup>(83)</sup>, sendo uma delas posta em inglês da Idade Média <sup>(84)</sup>, para não falarmos doutras línguas. E mais tarde, já no séc. XVI, no esquema essenioial destas orações moldou Fr. Agostinho da Cruz o soneto *Ao levantar da cama* <sup>(85)</sup>.

À oração da manhã e sempre em moldes idênticos (antífona, versículo, resposta e oração ou colecta) seguem-se as comemorações apontadas, a principiar pela da Santa Cruz — mais bela do que todos os astros, amável a todos, árvore carregada ide doces frutos. Ela estará no céu, quando o Senhor nos vier julgar. Que ela nos defenda de todos os perigos: *per hoc clarissimum vexillum merear fieri ubique tutus et ab omnibus adversitatibus semper securus.*

S. Eduardo, rei da Inglaterra, morreu em 1066. Era o santo do seu nome 'e, embora afastado, o santo da sua família, por D. Filipa de Lencastre. D. Duarte não se esquece disto e reza-lhe também uma oração talvez da sua autoria ou dalgum clérigo, a pedido seu.

<sup>(83)</sup> V. LEROQUAIS, *Les Livres d' Heures manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, t. 1 (Paris, 1927), pp. 85, 199, etc. IDEM, *ib.*, t. 2 (Paris, 1927), p. 338.

<sup>(84)</sup> CARLETON BROWN, *Religious Lyrics oi the XV ^ Century* (Oxford, 1939), pp. 195-196.

<sup>(85)</sup> *Obras de Fr. Agostinho da Oruz* (Coimbra, 1918), p. 174.

Colocou Deus o rei Eduardo entre o coro dos santos. Que Deus proteja todos os que celebramos a sua trasladação: *E a mim, teu servo, que descendo da sua geração, concede, Senhor, tal vida neste mundo que, depois de ela acabar, eu possa viver com ele e todos os teus santos, no teu santo reino* l<sup>(86)</sup>.

S. Sebastião era o advogado contra a fome, a peste, a raiva e as tempestades: *ut a peste, fame, morbo, grandula, rabie, tempestate et infirmitate tocius corporis et anime liberemur* i<sup>(87)</sup>. Falta a guerra, mas, em compensação, entram aqui todas as doenças. Aqui, referimo-nos à antifona da comemoração, donde tirámos as palavras transcritas. E a correspondente oração parece referir-se à protecção do santo mártir iem peste antiga, e muitas houve em Portugal e fora dele: «meritis et precibus beati Sebastiani, gloriosissimi martyris tui quondam generalem pestem epidemie et mortiferam ab hominibus tibi fidelibus repulisti»... (88). Foi precisamente a peste que levou deste mundo a rainha D. Filipa de Lenoastre. Mas ignoramos se foi antes disto ou depois que D. Duarte acrescentou tal oração ao Livro de Horas. Julgamos que antes, numa folha com orlas da parte de fora e iniciais iluminadas, sendo a escritura em caracteres diferentes da restante obra, embora do tempo.

Havia outras orações a S. Sebastião, inclusive nos Livros de Horas em letra de forma. Nos de Simon Vostre, por exemplo, pede-se também socorro contra a peste. Mas a oração é diferente e não se fala da fome nem se nomeia a raiva (89).

E agora passamos à comemoração de S. Jorge, com referências a Portugal e de autoria portuguesa. Autoria ou, pelo menos, adaptação.

Como nota Avelino de Jesus da Costa, S. Jorge, mártir da Capadócia e patrono do exército bizantino, figura, em 959, como titular secundário do mosteiro de Guimarães e foi orago de seis freguesias, em três das quais foi substituído posteriormente. Não tem, portanto, fundamento a afirmação que atribui a entrada do seu culto em Portugal aos cruzados, por ocasião da conquista de Lisboa, em 1147, e menos ainda aos ingleses que, em 1381, vieram

(86) Torne do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 1.

(87) *Ibidem*.

(88) *Ib.*, fl. 1 v.

(89) *Heures a lusaige de Rôme* i(iFaris, 1502), fis. 79 v.-80.

auxiliar D. Fernando. É todavia certo que o seu culto se intensificou com D. João I —conclui o ilustre historiador<sup>(90)</sup>.

De facto, na *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes refere-se, a cada passo, à devoção do povo e solidados a S. Jorge. *Portugal e S. Jorge!*, era o seu grito de guema<sup>(91)</sup>. A tropa trazia a bandeira, o escudo e a cruz vermelha do santo<sup>(92)</sup> e D. João I esperava vencer com a ajuda de Deus e do seu protector S. Jorge<sup>(93)</sup>. Finalmente, em acção de graças pela vitória, fizeram uma procissão em Lisboa <e nela seguia também a imagem do santo<sup>(94)</sup>, sem faltar, daí em diante, uma procissão cada ano no dia da sua festa<sup>(95)</sup>.

Para os soldados, S. Jorge a matar o dragão era o símbolo da valentia. E Antão Vasques, ao gabar os seus homens de guerra, exclamava : — São Jorge é isto, cá não homem de armas. Faze-lhe trazer uma serpe e verás como a matará h<sup>(96)</sup>.

Nuno Alvares Pereira andava longe ide ser o último na gratidão a S. Jorge e a ele dedicou uma capelinha, junto ao -campo de batalha de Aljubarrota<sup>(97)</sup>.

Não admira, pois, ver surgir, no Livro de Horas del-rei D. Duarte, o soldado S. Jorge, padroeiro de Portugal (*tutor Portugalie*) e vencedor do dragão, (conforme conta o *Flos Sanctorum*.

Embora o latim nos pareça estropiado, copiamos à letra a antífona que precede a oração, pela sua origem portuguesa:

Milles Christi gloriose,  
laus, apes, tutor Portugalie,  
flete gentis cervicose  
du-m corda contrarie,  
fac discordies graciose  
reduci conoordie,  
nie -sternatur plebs clamose  
empta Christi sanguine i<sup>(98)</sup>.

;(90) IAIVELiNO DE JESUS DA COSTA, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese do Braga*, t. 1 (Coimbra, 1959), p. 323.

(91) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 1 (Picxrto, 1945), pp. 194, 279; t. 2 (Porto, 1949), pp. 25, 38, 47, 105, 128, 241, 344.

(92) *Ib.*, t. 1, p. 223; t. 2, pp. 92, 93, 108, 216, 258.

(93) *Ib.*, t. 2, pp. 70, 71, 73, 75, 80, 103.

(94) *Ib.*, p. 122.

(95) *Ib.*, p. 131.

(96) *Ib.*, pp. 179, 180.

(97) *Ib.*, pp. 78, 106, 299-300.

(98) Tlorre do TOMlbo, Livro de Horas del-rei D. -Duarte, fl. 1 v.

No terceiro verso, deve ler-se *flecte* (dobra) por *flete* (chorai). E o sentido exacto (ou quiase) da antífona pode ser este: «Soldado glorioso de Cristo, honra, esperança, patrono de Portugal, dobra os corações da gente orgulhosa que nos forem contrários. Faz que os idiscordes venham a uma agradável concórdia, não se arruine clamorosamente o povo remido com o sangue de Cristo».

Segue, depois, o versículo, com a respectiva resposta, e a comemoração termina agradecendo a Deus a vitória concedida por intercessão de S. Jorge (*contra inimicos nostros victoriam contulisti*) e pedindo a paz: «ut eius meritis gloriosis perpetuam pacem quam querimus te miserante senciamus».

Que vitória foi essa, concedida por Deus, graças à protecção de S. Jorge? Julgamos que a vitória contra os castelhanos, sobretudo em Aljubarrota. Estabelece-se, deste modo, um liame subtil entre este Livro de Horas, a oapelinha de S. Jorge mandada construir pelo Condestável e o mosteiro da Batalha.

Quando D. João I entregou a alma a Deus, o reino cobriu-se de burel (") e D. Duarte ordenou a padres e frades que rezassem e celebrassem missas por alma do pai. E nunca mais deixou de rezar pelo rei de boa memória e também por D. Filipa de Lencastre, *nossa senhora e madre, em todas as grandes virtudes muy to perfeita* (100).

São orações litúrgicas medidas no seu Livro de Horas. A letra é ido tempo, mas diferente da outra, embora no estilo habitual dos caracteres góticos. Orações curtas e, vamos lá, com uma gralhia aqui e além, talvez do copista que as escreveu a pedido do rei.

Tais preces encontram-se, ainda hoje, no officio e na missa de defuntos. Anódiimas, por conseguinte? De modo nenhum. Dois nomes (o do pai e o da mãe do rei) fazem estremecer essas linhas, numa emoção dominada pela dignidade hierárquica da liturgia.

D. Filipa de Lencastre morrera havia muitos anos, de peste, a 18 de Julho de 1415. O rei D. Duarte não se esquecia dela e rezava por sua alma uma oração em laltim, após a missa em latim (101): «Quiesnmus, domine, pro tua pietate miserere anime

(") Rui DE PINA, *Cónica delnred D. Duarte* (Lisboa, 1901), p. 20.

(100) D. DUARTE, *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942), p. 371.

(101) Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 50 v.

famule tue Phi'lippe, regioe nostre, et a contagiis mortalitatis exutam in eteme salvacdonis partem restitue. Per [Christum dominum nostrum] ».

Quer dizer: «Senhor, nós te pedimos que, pela tua piedade, tenhas compaixão da alma da tua serva Filipa, nossa rainha, e restitui-a à terra da eterna salvação, liberta da condição mortal. Por Cristo Senhor nosso».

Mais uma oração pelos pais, em geral f<sup>(102)</sup>, outra pelos que morreram <sup>(103)</sup> e, finalmente, sai ao nosso encontro a prece litúrgica por alma de D. João I: «Absolve quesumus, domine, animam famuli tui quondam regis nostri Johannis ab omni vinculo delictorum ut a resurrectionis gloria inter sanctos et dilectos tuos resuscitata respiret. Per Christum dominum nostrum» ><sup>(104)</sup>.

Isto é: «Nós te pedimos, Senhor, que absolvas de todo o vínculo dos pecados a alma do teu servo João, que foi outrera nosso rei, para que ela viva ressuscitada na glória da ressurreição, entre os teus santos e amigos. Por Cristo Senhor nosso».

Antes destas orações, porém, e com método muito seu, D. Duarte parece, à primeira vista, rezar por si, implorando a misericórdia de Deus e uma boa morte:

«Deus, cui proprium est misereri semper et parcere, propiciare anime famuli tui et omnia eius peccata dimitte, ut mortis vinculis absoluta transsire mereatur ad vitam. Per [Christum dominum nostrum] ».

Isto é: «Deus, a quem é natural ter sempre piedade e perdoar, sê propício à alma do teu servo e perdoa-lhe todos os pecados, para que, livre das prisões da morte, mereça passar à vida. Por Cristo Senhor nosso» <sup>(105)</sup>.

<sup>102)</sup> *Ibidem*. É a seguinte: «(Deus qui nos patrem et matrem honorare prece pi st i, miserere clementer animabus parentum niostrorum eorumque peccata dimitte nosque eos in eteme claritatis gaudio fac videre. Per [Christum dominum nostrum]). Vem ainda no 'Missa! Romano, ipor exemplo, entre as orações diversas pelos defuntos.

<sup>(13)</sup> Também está no Missal Romano: «Inclina, domine, aurem tuam ad preces nostras, quibus misericordiam tuam súplices deprecamur ut animas famuliorum tuorum, quas de hoc seculo migrare jussisti, in pacis ac lucis», etc.

<sup>(104)</sup> Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 50 v. Também esta oração está no Missal Romano, nas preces várias pelos defuntos,

<sup>(105)</sup> f l. 50 v. No latim, em vez de *transsire* devia estar *transire*.

Dissemos nós *parece*, ipois em rigor trata-se duma oração por um defunto. Com efeito, o Missal Romano tem uma igual, embora por vários defuntos e não por um somente. Contudo, não negamos a possibilidade de D. Duarte adaptar o sentido desta prece ritual e a rezá-la por si, porque à primeira vista um leigo não descobre a significação funerária destas linhas.

Seja como for, salta aos olhos a marca litúrgica destas orações. A do pai e ida mãe vêm fno ofício e missa pelos mortos. As outras andavam no missal. E no cuidado 'Carinhoso de D. Duarte em as recolher no seu Divio de Horas, sentimos o seu amor pela família e a devoção antiga pelas almas do Purgatório.

E bastariam tais orações, só por si, para ficarmos a saber que este Livro de Horas pertencia a D. Duarte.

Posto isto, convinha passar ao estudo do conteúdo espiritual, poético e mesmo implicitamente histórico destas Horas, um dos repositórios de poesia latina rítmioa em Portugal. Gostaríamos de o fazer noutra ocasião.

MÁRIO MARTINS, S. J.